

GARGANTA CORTADA

O dia todo, toda a semana,
muito cuidado; é preciso manter a paz.
O abrir de portas, as pequenas atenções do dia-a-dia,
o desvio de olhos monocromáticos, para que, nas horas mortas,
não se desfaça o encanto. Nada se faça, que possa romper a magia
que, indolentes, ainda tentamos recuperar...

(a goela frouxa, o riso de porcelana, a língua presa,
o ar cansado demais, a violência surda e sutil,
e os dias que fluem, obliterados)

CORTO A GARGANTA co'os dedos na frente do espelho,
no bálsamo das horas em que estou só.
Fico à espreita, fico à espera. Cerro as cortinas, levanto véus,
acendo as luzes, olho firme p'r'os meus olhos,
mantenho meus lábios umedecidos
e não me deixo só nem por um instante, sequer...
E grito grito no corredor, e bato asas, e tenho compulsões femininas
de cortar os pulsos, pr'a vencer de vez essa vida de papel
e pr'a sorrir, co'a ferida, um sorriso definitivo de cera.

Mas lembro em tempo que morro de sede ainda por beber tua saliva
e ainda sonho com nossas avencas que flutuam no ar, e co'os muros de aço
e pedra que escorregam e respingam pelo espaço,
quando me sorris, querida.

E a ação reta e decisiva
a ação libertária de me tomar nos meus próprios braços
sublima-se no meu toca-fitas... Sossego então, deito, fecho os olhos,
paro quase de respirar, ouço Elis, ou Janis, ou qualquer outra santa morta,
e espero e acredito, mais uma vez, ainda mais uma vez,
que já tudo importa agora, e que desde agora já nada importa.

Black stork

(4 de fevereiro de 2003. Depois de uma tarde-noite de panelas bonitas, vinho forte e de um telefonema revelador...)

Estou nu.
Nesse momento, estou nu.

Fico a pensar em velhos amigos,
outras conversações, outros dias.
Posso ouvir sons e cantorias,
vozes e cores que reverberam
em meu íntimo com força
sutil e elegante.

(Apenas textos, idiomas
feitos bordados de miçangas e diamantes
sobre coisas passadas, revelações,
meduras e rituais...
Mas que me confortam, sempre,
neófito que sou, e me explicitam,
iluminam um pouco mais.)

Estou assim, nu, em paz,
a sonhar, sem medos,
na minha cadeira.

Absorto, olho o mundo,
p'r'além dos meus dedos
e dos braços estirados –
E vejo, recortada de luz,
uma grande cegonha negra...

Emoldurada pela janela
antiga e carcomida,
paira a ave cor-de-azeviche,
cor de anjo da morte.

Entra no quarto, imponente, forte,
bicuda, solene. A ave olha, ressentida,
p'r'a moldura de Riga da minha janela.

É bela a cegonha, é bela,
e me enamoro perdidamente
pelas ilhas brancas de seus olhos circulares,
naquele imenso oceano escuro...

Proponho então, súbito, num repente,
paixão eterna, um querer amigo e puro.
Dar minha solidão p'ra ela,
a minha entrega...

A ave olha, nostálgica,
minha nudez lamentável,
minha vontade cega
e inútil, e se volta pra janela.

“Estou velha
e cansada. Gosto de ti
(me sussurra, recatada),
mas o ar já me falta, e
já foi lançada a minha sorte...”

E a velha senhora
voa, então, p'ros céus do norte. Ah...

(Restou a janela antiga
e, mais p'r'além, meu jardim
florido e um mar revolto
de ondas assustadoras, bravias..)

Me consolo, enfim:
nada a fazer.
Lá fora,
já começa a ventania
e as árvores estalam.

Já findou o dia, os insetos todos
ficam ocultados e os pássaros se calam.
Comigo, ficam só a penumbra
e os sons distantes da cidadezinha,
lá fora...

Fecho a janela, tristonho,
que faz frio no meu quarto, agora.
Faz sempre muito frio nesse mundo
de cegonhas moribundas
e de homens exatos e sem sonhos...

EM CONSTRUÇÃO:Muro

(Disco voador)

(ouvindo Raulzito, o impagável... 18 de outubro de 2002; finalização [?] em 09 de novembro de 2002)

Eu devia estar contente
(falo com meus botões)
porque pra dentro do muro
que me separa da rua
& das pessoas mamolengas

no círculo do meu quarto
no meu quarto de dormir
às vezes consigo ver
como queria as coisas:

Um ser complicado
o que nunca sou no lá fora –
faca de mim mesmo,
dono das estrofes,
dos versos líricos
das odes guerreiras
cortantes, heróicas...

(achar que sou dono do meu tempo)

Eu devia estar contente:
Nado na praia dos homens
cobiço as mulheres da vila
ganho grana
(eis uma boa meta
aí está uma finalidade
racional)

Eu devia, eu devia
colar nessa vida...

*(Na minha galáxia
no meu cubo estelar
sempre crio e destruo planetas,
constelações inteiras:
deixo a cama desarrumada
rabisco traços e letras
troco um monte de revistas*

*rasgo o jornal velho deixo as roupas
jogadas no meu chão
sideral...*

*Folheio o jornal, ouço meu rádio
brinco com meus cães
como bertalha com ovo
grito e desenho sonho e planejo
rio e me masturbo e choro
lágrimas espessas que escorrem
geram mundos infindos
aos borbotões...
... nesse admirável mundo novo
sou senhor do meu dia
mudo de vida a toda hora e
aqui no meu quarto, então,
me desengravato.)*

Eu devia estar contente
pelo desato que um dia virá.
Por ser duplo, a meus olhos, sólido
feito de cores e sons mutáveis
saltimbanco

Aqui eu devia dar
ressurreição às gentes todas...

Eu devia estar risonho
Eu devia estar contente.
Eu devia ser Deus

Eu queria ser Deus aqui
no meu quadrado
de longe
p'ras pessoas cinzentas
dessa cidadela chamada Brasil -

meus vizinhos contentes
da rua de lata, pra lá do meu muro alto
em construção
meu muro branco de pedra
logo além dessas paredes
na terra dos licornes e dos dragões
logo além das minhas heras...

ALEPH

Entre a pia-máter e a aracnóide
existe meu Aleph,

e a vida que arrebenta seus muros de contenção,
o amor, paixão, carinho, a amizade,
visões, desespero, dores, lembranças,
vãos & desvãos fugidios, medo medo medo da morte,
a indecência, a inveja, sussuros, gritos, o riso reprimido, o escárnio.

Nele, tudo a que tenho direito e não tenho, o horror da hora de dormir,
o alívio e a esperança de acordar, um afago, uma paisagem,
um desenho, pinturas inacabadas, uma forma de barro, inusitada,
a cor definitiva e ideal, traições e gestos de heroísmo,
e o desejo insano e animal pelo que não é ar,
mas pelo que é líquido, sólido e material,

o vínculo com minhas veias e músculos e ossos,
as drogas que transformam e me vinculam ao meu dessemelhante,
o temor de não agradar, o sorriso na boca das crianças,
está tudo no meu Aleph.

O brilho do olhar, já perdido, o mar-oceano tempestuoso,
o caminhar cotidiano na praia deserta,
o andar na rua apinhada,
o orgulho de ser um na multidão,
pequeno e grande simultaneamente...

A revolta de ser impotente, de não poder com o mundo, e nem comigo,
o ficar no escuro diante de meus indícios e fatos
e processos e julgamentos e condenação.
O paradoxo de me explicar e de bem-querer a meu inimigo visceral
e a busca patética e fútil pela segurança;
o horror quando minha garganta sufoca, às vezes,
quando me vem à lembrança, de repente,
que sou mortal

(ah, a vontade que dá de ser um animal,
um cãozinho, um gato, um bicho de zoológico...
Uma cadeira, uma caixa de papelão,
um pé-de-manga, ou qualquer inseto efêmero, feliz da vida,
por não ter sido tocado pela varinha de condão
da consciência e do pensamento...)

No meu Aleph, o A também se une ao Z,
e o cenário do mundo torna-se novamente cinzento,
em homenagem conformada aos que esperam de mim
mais do que poderei e menos do que quero aqui deixar.

Penso *sometimes* em desistir, em não mais lutar...
Mas acreditem, pontas víboras de meus dedos,
que falo a sério, e não minto:

NÃO ME CABE CONCEDER.

No fio da minha vida, eu sei, na recôndita calota, no meu abecedário,
haverá sempre a recusa surda, o atentado oculto e à sombra,
e um assassino aleatório que não se concretiza
por seu ridículo apego ao que é normal e às coisas objetivas e reais.

Em minha biblia anárquica-mascarada,
profetas do torto e do excêntrico ficarão sempre à espreita;
e sempre sobrarão para a escrita do meu fel
algumas palavras, sílabas, consoantes e vogais.

Avião

(11.01.94; remake: 05 de maio de 2002.)

Comprei um avião pr'as minhas viagens.
É grande e reluz, brilha mais
que o sol redondo...

Comprei um avião
novo em folha, sem janelinhas.
E viajo, muito viajo,
sem passaporte, pra lá e pra cá,
pra cá e acolá, dentro da roda,
a minha calota.

Pr'atrás do quiasma
mole flutuo na horizontal.
Na terra amada circunvoluta
sou rei suave, absolutista

e exterminador.

Comprei um avião novo
estroboscópico
pr'a ir pelo crânio
inexorável - pra apagar
as luzes e cores extraviadas
do olho afora.

E trafego trêfego,
feliz e falaz,
sem eira ou beira.
Perfuro e atolo
nos meus montículos,
poças e rasos e recessões.

E giros sábios umedecidos
fazem medidas ao rei temerário;
e as veias e valas
e os pulsares calados
quebram espinhas
num êxtase puro
de casta cifose.

Circunvalado rei,
curva e centro, raio e ponto,
plano e volume;
como um estrangeiro
do século nove.

Como um saxão, nada entendo,
mas ao passar, tudo se move.
E nada ensino aos filisteus.
Roubo seus nichos, como seus sonhos,
bebo da linfa, sorvo o sangue
dos que já sabem
o que não serei.

Mas maravilho por minha trilha
os filisteus, que não encaram
no fundo sem luzes
do meu avião.

(nem sinto frio, bicho,
e nem calor, não sinto nada.
A profecia não se dará.

Sinto apenas que estou livre,
multiplexado e alveolar.
Estou a salvo, co'as minhas veias,
do hospício branco
e dos dragões engravatados
que habitam
fora de mim.)

Sem título / ouvindo DirecTV, Rock Clássico, 9 de outubro de
2003, 21:15 horas. Bateu solidão.

me parece que
tudo está azul,
vai tudo bem, querida,
se, no meio da minha vida
no meu eixo dourado
somem as paralaxes todas
e as distorções
que prevejo, assustado,
todos os dias, toda hora
ao olhar pra fora
de minha esclerótica...

minha ilusão de ótica
desvanece-se, vai embora
e aquele meu ar mau e desanimado
que tão bem conheces
vira pó, vira ácaros,
e vai enfezar
outro destinos, pelaí...

é nessa hora que aqui,
bem no fundo do coração,
dá vontade de comprar um CD
do Jethro Tull, e ficar escutando
cheio de ternura e razão
o velho Aqualung
dos meus tempos de rapaz...
e virar um escapista
fora de norma, fora de método,
fora da lista
dos cidadãos cinzentos
dessa aldeia de Búzios.

não mais olhar pras caras deles
não mais falar com ninguém,
só com meus cachorros e plantas
e matinhos,
tomar muita birita e vinho,
m'embebedar,

gastar duas pedras de barro
das grandonas
durante a madrugada
e na calada da noite
me transformar num gênio da forma
um Moore, um Rodin, uma Claudel,

um ser homem-mulhé desvairado
perdidamente apaixonado
por *myself*
pelo meu gênio mecânico e sutil
pelas peças criadas
right from the bottom,

misteriosas e amadas
como meus rasgos e feridas,
e assim como você, mulher,
tão importante e supérflua
na minha vida,
tão remota e presente
como a galáxia-bola que ilumina
meus sonhos lunares...